

# JORNAL NACIONAL E MODO DE ENDEREÇAMENTO: A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA EDIÇÃO DO TELEJORNAL DO DIA DA DIMENSÃO DE SÉRGIO MORO

Michele Negrini

[zmmnegrini@yahoo.com.br](mailto:zmmnegrini@yahoo.com.br)

Doutora em Comunicação e professora da Universidade Federal de Pelotas (UFP). Tem pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Lenise Slawski

[leniseslawski@hotmail.com](mailto:leniseslawski@hotmail.com)

Pós-graduanda em Marketing Digital pelo Centro de Ensino Superior de Maringá

35

*JORNAL NACIONAL AND WAY OF ADDRESSING: THE THEMATIC ORGANIZATION OF THE EDITION OF THE NEWSCAST ON THE DAY OF SÉRGIO MORO*

DOI: 10.21882/ruc.v8i15.846

Recebido em: 16/10/2020

Aceito em: 20/11/2020

## RESUMO

O objetivo do presente artigo é sobre como a demissão do então Ministro da Justiça Sergio Moro foi abordada no Jornal Nacional. Investiga-se, também, como o telejornal organizou essa edição, que foi ao ar em 24 de abril de 2020. A saída de Moro do Ministério da Justiça teve grande repercussão no cenário nacional e foi amplamente discutida no telejornalismo. O estudo será desenvolvido a partir do referencial teórico-metodológico Modo de Endereçamento, a partir de Gomes (2007).

Palavras-chave: Modo de Endereçamento. Telejornalismo. Organização Temática. Jornal Nacional. Demissão de Sérgio Moro.

## ABSTRACT

*The purpose of the present article is to reflect on how the resignation of the then Minister of Justice Sergio Moro was addressed in the television news program Jornal Nacional. It also investigates how the program organized this edition, which aired on April 24, 2020. Moro's departure from the Ministry of Justice had great repercussions on the national scene and it was widely discussed in television news. The study will be developed from the theoretical and methodological perspective of Addressing Mode, from Gomes (2007).*

*Keywords: Addressing Mode. Telejournalism. Thematic Organization. Jornal Nacional. Resignation of Sérgio Moro.*

## Introdução

O cenário político no Brasil já foi marcado por inúmeros esquemas de corrupção e na pesquisa de 2019, que mediu o Índice de Percepção à Corrupção (IPC),<sup>1</sup> o país ocupava o 106º lugar entre os 180 participantes. Um dos casos com mais destaque na mídia nos últimos anos é o que levou à prisão do ex-presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, intitulado como *Operação Lava Jato*. Em 2014, essa Operação passou a ter como foco principal os desvios nas obras da Petrobras<sup>1</sup>, a maior empresa estatal do país. Um dos nomes da Justiça Federal que ganhou destaque dentro do caso foi o de Sergio Moro que, quando iniciou sua participação na investigação, era juiz da 13ª Vara Federal Criminal de Curitiba. Ele foi o responsável por autorizar uma escuta telefônica de um dos doleiros envolvidos e, com isso, deu início a uma sucessão de denúncias — o que fez com que o maior esquema de corrupção do país começasse a ser desmontado.

A importância dessa iniciativa de combate à corrupção fez com que o caso ganhasse repercussão na mídia nacional e internacional e o juiz Sergio Moro acabou se tornando a cara das investigações da Operação Lava Jato naquele período. A partir disso, a carreira de Moro alcançou outros espaços. Em 2016, o juiz foi intitulado por uma das mais importantes revistas americanas como uma das pessoas mais influentes do mundo<sup>2</sup>. Moro foi o único brasileiro, em uma lista de cem personalidades, ao lado de nomes como Barack Obama e Vladimir Putin.

Em 2018, em meio à campanha eleitoral que elegeria o novo presidente do Brasil,

Sergio Moro passou a ser associado ao candidato Jair Bolsonaro. Na época, o discurso que pregava o combate à corrupção no Brasil era o elo entre o juiz e o, então, deputado federal do Partido Social Liberal (PSL). Isso fez com que muitos eleitores passassem a apoiar a candidatura de Bolsonaro para presidente, influenciados pela importância que Moro teve, em uma das principais operações contra a corrupção no país. Logo após ser eleito, o presidente da República confirmou que Sergio Moro ocuparia o cargo de Ministro da Justiça, a partir do dia 1ª de janeiro de 2019, em seu governo em Brasília.

Nos primeiros meses de 2019, os dados oficiais do Sistema Nacional de Informações em Segurança Pública<sup>3</sup> apresentaram uma queda no número de crimes como homicídios, latrocínios e roubo de veículos. O prestígio da população brasileira por Sergio Moro vinha sendo mantido pela melhora na segurança pública apresentada por meio de dados como estes. O ministério de Moro também ficou marcado pelos cargos ocupados por delegados — que fizeram parte da operação Lava Jato — e por uma sensibilização da Polícia Federal e Rodoviária no combate ao crime organizado liderado pelas facções do sistema prisional. Mesmo com resultados positivos, a gestão não apresentou inovações e grandes alterações em relação a outras.

No tempo em que Sergio Moro esteve no governo, a relação do presidente da República e do então ministro teve momentos conturbados, que começaram por volta de agosto de 2019. Nesse período, o presidente fez um anúncio informando que o superin-

<sup>1</sup> Nesse esquema, grandes empreiteiras organizadas em cartel pagavam propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos. O valor da propina variava de 1% a 5% do montante total de contratos bilionários superfaturados. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato>>.

<sup>2</sup> Homenagem da revista americana “Time”. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/moro-participa-de-homenagem-aos-mais-influentes-do-mundo-da-time.html>.

<sup>3</sup> Dados da queda de criminalidade no Brasil. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1565716046.28>>.

tendente da PF do Rio de Janeiro seria retirado do cargo por improdutividade. Depois disso, Maurício Valeixo, que ocupava o posto de Diretor-geral da Polícia Federal, se pronunciou com novas informações sobre o caso de troca de Ricardo Saadi. As discussões em torno do assunto causaram até uma ameaça de demissão de Valeixo do cargo que ocupava na PF. A partir disso, a tensão entre Ministro da Justiça e presidente da República só aumentou, pois, a vontade de Bolsonaro, desde o início das discussões que envolviam Valeixo, era tirar o diretor-geral do cargo.

A exoneração de Maurício Leite Valeixo do cargo de diretor-geral da Polícia Federal da Justiça e Segurança Pública, que é vinculado à pasta do ex juiz-federal, foi anunciada no Diário Oficial da União do dia 24 de abril. O nome era uma indicação de Sergio Moro, pelo qual o Ministro apresentava prestígio desde quando trabalharam juntos na operação Lavo Jato. Com isso, notícias de que Moro também poderia sair do cargo do governo de Bolsonaro começaram a veicular instantaneamente. A informação impactou até sobre a Bolsa de Valores do Brasil, que caiu mais de 2%, além da queda do real frente ao dólar (ÉPOCA, 2020).

Em seu pronunciamento<sup>4</sup>, quando anunciou a saída oficial do governo, Moro apresentou motivos como: a falta de diálogo do presidente e de uma explicação concreta para a exoneração de Valeixo. Além disso, nesse mesmo pronunciamento, Moro alegou que Bolsonaro estaria tentando interferir no trabalho da PF e ter acesso a informações das investigações da Polícia Federal. No documento, publicado no Diário Oficial da União, a exoneração do diretor-geral constava como “a pedido” e Moro afirmou que não fez essa

solicitação, nem foi informado de que isso seria feito pelo presidente e, ainda, reforçou que a vontade de saída também não partiu de Valeixo.

A partir da demissão, as acusações de Sergio Moro contra o presidente Jair Bolsonaro ganharam força; assim, tanto a imprensa nacional quanto a internacional deram espaço a manchetes trazendo o Brasil e esse assunto como destaques naquele dia. O Jornal Nacional, considerado um dos principais telejornais do país, colocou a demissão do ex-juiz e, recente, ex-ministro, como tema central da edição do dia 24 de abril de 2020. Com isso, este trabalho pretende realizar uma reflexão sobre como a demissão do Ministro da Justiça, Sergio Moro, foi abordada no Jornal Nacional e como a edição do telejornal de 24 de abril de 2020 foi organizada. O estudo será desenvolvido sob o olhar teórico-metodológico da perspectiva Modo de Endereçamento, a partir de Itania Gomes (2007).

### Mídia e política

A política sempre foi considerada um dos assuntos mais complexos para se debater em qualquer ambiente — devido a inúmeras compreensões e divergências; entretanto, apesar da complexidade que carrega, o tema precisa estar em constante discussão. Na acepção moderna do termo, política é compreendida como: “atividade ou conjunto de atividades que, de alguma maneira, têm como termo de referência pólis, ou seja, o Estado.” (BOBBIO, 2008, p. 954). É ela a responsável pela organização de um estado ou nação e se relaciona diretamente com o espaço público<sup>5</sup>. A política possibilita que os cidadãos tenham mais garantia dos seus direitos e saibam os

<sup>4</sup> Pronunciamento em que Moro anunciou a saída do governo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/veja-e-leia-a-integra-do-pronunciamento-em-que-moro-anunciou-saida-do-governo.ghtml>>.

<sup>5</sup> Enquanto cenário da interação social, o espaço público responde a funções materiais (ao dar apoio físico às atividades coletivas) e funções simbólicas (permite o intercâmbio e o diálogo entre os membros da comunidade. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>>.

seus deveres, além de promover a estabilidade social, ou seja, o bem-estar de cada cidadão.

Quando se pensa em renovação e mais espaço de diálogo no meio da política, é inevitável não pensar em uma maior inserção do jovem nesse meio. Porém, Martins (2015), concebe uma reflexão diferente sobre este assunto. Ele postula sobre o afastamento de jovens da política e que esse fator pode estar diretamente ligado com a mídia e os meios de comunicação. O autor (2015, p. 8) aponta que “talvez o modo como (e quais) as informações políticas chegam aos jovens os desestimulem em relação ao assunto”. Com isso, é possível perceber que o desenvolvimento dos meios de comunicação ampliou a capacidade de intervenção da mídia nas atividades humanas; logo, a liberdade da imprensa, ao mostrar o que está errado na política, gera um sentimento de desamparo na população e potencializa a mobilização da sociedade civil. Lima (2000) apud Penteadó e Fortunato (2015, p. 132-133) afirma que:

*as diferentes mídias fazem parte, direta ou indiretamente, do cotidiano da maioria da população, seja como fonte de trabalho, fonte de informação, entretenimento e/ou mecanismo de comunicação/interação social. Nesse contexto, a mídia assume centralidade na vida humana, tornando-se palco e objeto privilegiado das disputas pelo poder político na contemporaneidade.*

São os meios de comunicação os responsáveis por permitirem que a sociedade compartilhe dos acontecimentos, principalmente, quando são eles de interesse público. Para a política e, conseqüentemente, para a democracia, a TV assume um papel ainda mais importante. Porcello e Ramos (2012, p. 211) apontam que as telas – e o telejornalismo

– são a praça pública deste tempo. Para os autores, a TV atua:

*[...] numa espécie de show room a mostrar notáveis aventuras e desventuras humanas, exibindo o sucesso e o fracasso das pessoas, indicando e sugerindo os modelos a seguir e, servindo, também, de vitrine para o poder.*

Para Miguel (2003) apud Fernandes (2016, p. 4), a mídia possibilita que os políticos se tornem figuras conhecidas pelo público. Ele afirma que “para o crescimento na carreira política, deve-se ter essa visibilidade, que é alterada ou reafirmada pelos meios de comunicação”. Mesmo com o avanço cada vez maior da Internet, a televisão ainda é o meio considerado como massivo e que atinge a maior parcela da população. De acordo com o Relatório de Mídia<sup>6</sup> da Secretaria de Comunicação do Governo Federal, divulgado em 2016, 97% dos brasileiros se informam através da TV e mais da metade dos entrevistados confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas por este canal. São esses meios de comunicação de massa que ampliam o acesso do cidadão aos agentes públicos e as suas atuações e falas. Miguel (2004, p. 9) aponta que é a mídia que fixa a agenda pública, mas aqueles que possuem um maior prestígio acabam sendo os que mais estão em destaque. Para o autor, muitas vezes:

*[...] os agentes com maior capital político são capazes de orientar o noticiário. A gestão da visibilidade é uma tarefa política central, mas nem toda a política é visível – uma parte significativa dela continua ocorrendo nos bastidores.*

Penteadó e Fortunato (2015, p. 134) acreditam que o campo midiático tem uma interferência no campo político. Para eles, “as

<sup>6</sup> Relatório de Mídia. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-equalitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira>

[de-midia-pbm2016.pdf/@@download/file/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202016.pdf](http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-equalitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm2016.pdf/@@download/file/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202016.pdf)>.

questões destacadas pelos veículos de comunicação ganham evidência no debate público, exercendo pressão sobre a ação governamental, que precisa então “dar respostas” às demandas populares”. Já para Miguel (2002) apud Penteadó e Fortunato (2015, p. 134), não é apenas na agenda que a mídia participa ativamente, mas ela “também opera na construção de esquemas narrativos que permitem interpretar os acontecimentos por meio de enquadramentos (framing)”.

É com esse conteúdo produzido pela mídia que o indivíduo busca entender e ter sua percepção diante da realidade e, a partir disso, construir a sua opinião. Os temas políticos na imprensa e, principalmente na televisão, têm uma influência histórica na definição das discussões e na formação de consensos na sociedade. Logo, os meios que possibilitam essa interação são considerados agentes públicos importantes e essenciais. Por este motivo, precisam estar alinhados com a ética ao desenvolver um produto de qualidade.

O Jornal Nacional, um dos principais nomes inseridos na televisão brasileira, construiu uma história consolidada ao longo dos anos de jornalismo e o campo político é o que ganha cada vez mais espaço e, consequentemente, audiência do público. São os assuntos relacionados ao poder público que mais se destacam nas edições do telejornal, mesmo em um período de calamidade e pandemia que afeta o mundo inteiro. Assim, é possível entender a ênfase dada aos assuntos em torno do tema tratado neste artigo.

### **O Jornal Nacional e a política**

Para pensarmos a organização temática do Jornal Nacional em relação à cobertura da demissão de Sergio Moro, cabe apontarmos que tal cobertura esteve amparada na constituição do estilo do telejornal, visando um sujeito espectador esperado e, também, na perspectiva institucional da Rede Globo. Como aponta Negrini (2019, p. 109), quando

analisava a cobertura do JN à tragédia da Chapecoense: “[...] para abordarmos a cobertura feita pelo JN dessa tragédia, temos que levar em conta que ela está inserida na Rede Globo e desse modo submete-se aos seus princípios editoriais [...]”. O pensamento de Negrini (2019) convoca o olhar para uma perspectiva de que para a realização de uma análise de um telejornal, a observação da visão cultural e política do veículo em que ele está inserido é precípua para fundamentar as ponderações que serão realizadas.

Para dar respaldo às reflexões sobre a organização temática da edição do JN do dia da demissão de Sergio Moro, nos embasamos nas ideias de Coutinho (2008), que afirma que o Jornal Nacional exerceu papel importante na formação de debates sobre relações entre história, mídia e sociedade na seara brasileira. De acordo com o pensamento de Borelli e Priolli (2000), o JN e as telenovelas são marcantes para o percurso histórico da Rede Globo. Coutinho (2008, p. 1) fala sobre a importância do jornalístico entre o público: “Após quase 39 anos no ar o telejornal mantém sua centralidade enquanto produto midiático responsável pela obtenção de informação de significativa parcela de nossa população [...]”.

Em relação à política, Porto (1999) aponta que o Jornal Nacional é um espaço com papel ativo e de destaque na vida política brasileira: “Vários autores ressaltaram o papel político do telejornal da Globo, destacando em particular sua cobertura noticiosa parcial e ‘governista.’” (PORTO, 1999, p. 2). Um ponto importante demarcado na história do JN foi a cobertura da campanha das Diretas Já, em 1984 — que clamava por eleições diretas para a presidência da república. Sobre a cobertura da campanha pelo JN, Eugênio Buccini explica:

**No dia 25 de janeiro de 1984, o Jornal Nacional tapeou o telespectador. Mostrou cenas de uma manifestação pública na praça da Sé, em São Paulo, e disse que aquilo**

acontecia em virtude da comemoração do aniversário da cidade. A manifestação era real: lá estavam dezenas de milhares de cidadãos em frente a um palanque onde lideranças políticas discursavam. Mas o motivo que o Jornal Nacional atribuiu a ela não passava de invenção. Aquele comício nada tinha a ver com fundação de cidade alguma. A multidão estava lá para exigir eleições diretas para a Presidência da República. O Jornal Nacional enganou o cidadão naquela noite - e prosseguiu enganando durante semanas a fio, ao omitir as informações sobre a campanha por eleições diretas. Para quem só se inteirasse dos acontecimentos pelos noticiários da Globo, a campanha das diretas não existia (BUCCI, 2000, p. 29).

Porto (1999, p. 2-3) ainda aponta que depois de 1985, com a retomada da democracia no Brasil, a Globo continuou tendo papel significativo em nível político no cenário brasileiro. O autor reflete sobre o posicionamento da emissora em relação ao ex-presidente Fernando Collor:

Com o retorno da democracia em 1985, a Rede Globo continuou a desempenhar um papel político importante. Segundo alguns autores, a ascensão de Collor em 1989 nas 3 primeiras eleições diretas para presidente foi favorecida pelo cenário construído pelos meios de comunicação (Rubim, 1989; Lima, 1993). No caso do Jornal Nacional, estudos indicaram uma cobertura desproporcional e favorável ao candidato Collor de Mello (Lima, 1993, pp. 106-107). Quando denúncias revelaram um esquema de corrupção no governo Collor, um novo movimento de massas ganhou as ruas exigindo o seu impeachment e uma CPI foi formada pelo Congresso. [...], Mas em outubro de 1992, quando o relatório da CPI foi divulgado considerando o presidente culpado e iniciando o processo de impeachment, a Rede Globo ampliou a cobertura do escândalo e apresentou uma cobertura mais isenta (ibid.). A emissora passou então a apoiar o afastamento do Presidente que havia ajudado a eleger em 1989.

No contexto de eleições, Porto (1999) pondera que nas de 1994, houve um favorecimento do Jornal Nacional em relação à candidatura de Fernando Henrique Cardoso nos primeiros meses da campanha e só realizou uma cobertura dando mais equilíbrio entre os candidatos posteriormente. Souza (2007a, p. 148), em pesquisa realizada sobre a cobertura do JN sobre as eleições presidenciais de 2002, destaca:

Apesar de empregar tempos iguais nas matérias da agenda dos candidatos e levar a mesma pauta para as perguntas das entrevistas, em 2002 a ênfase foi para os dois principais candidatos: José Serra, indicado explicitamente por ministros como o melhor candidato; e Lula, candidato associado à desestabilidade.

De acordo com as palavras de Souza, evidencia-se as diferenças nos enquadramentos entre os dois principais candidatos, o que reforça a marca do Jornal Nacional de ter posturas polêmicas em relação a assuntos relacionados à política. Ainda no contexto de eleições para a presidência da república, no caso do pleito de 2006, um estudo realizado por Souza (2007b) assinala que nas eleições daquele ano um comportamento tendencioso foi visualizado. “Os dados coletados na pesquisa indicam que a Rede Globo, por meio do Jornal Nacional, ainda mantém a mesma tendência unilateral em suas coberturas como fez em outros momentos políticos, desde o início de sua trajetória.” (SOUZA, 2007b, p. 33). Em nível das eleições de 2010, Souza (2011) assinala que o Jornal Nacional fez uma apresentação carregada de hostilidade em relação ao governo Lula.

Como abordamos, o Jornal Nacional tem apresentado postura polêmica em relação à apresentação de fatos ligados à política. O telejornal tem uma trajetória que aponta para atitudes de apoio governista em vários momentos; contudo, em relação ao governo de Jair Bolsonaro eleito no último pleito presidencial, é visível a produção de sentidos no

telejornal, ao apresentar uma imagem negativa do presidente. Esse fato pode ser exemplificado com a apresentação de posturas não adequadas do político em relação aos cuidados recomendados pelas autoridades de saúde para prevenção do coronavírus. O JN levou ao ar diversas vezes atitudes do presidente contradizendo as recomendações de médicos, como o não uso de máscara e a realização de aglomerações de pessoas.

Durante o período de pandemia, outras polêmicas cercaram do governo de Bolsonaro. Entre elas, a demissão do Ministro da Justiça Sergio Moro, já abordada anteriormente. No dia da demissão, 24 de abril de 2020, a edição do JN foi amplamente focada na cobertura do fato e em pontos a ele relacionados. Com base na postura com envolvimento em polêmicas ser histórica no Jornal Nacional, este artigo busca entender como o tema da demissão de Moro organizou a edição do telejornal do dia que se deu a demissão. Sabemos que a organização temática do telejornal é embasada em perspectivas de institucionalidade do JN e da Rede Globo. A seguir, analisaremos o telejornal a partir do olhar de Modo de Endereçamento.

### **O JN e a organização temática**

Como abordado anteriormente, a demissão do então ministro da justiça, Sergio Moro, ocorreu no dia 24 de abril de 2020. Na edição do Jornal Nacional deste dia, o assunto foi amplamente explorado, o que dá subsídios para o desenvolvimento de investigações em nível acadêmico. Interessa-nos, no exercício desta pesquisa, observar como o assunto da demissão de Moro organizou a edição do dia do JN. No tocante às reflexões sobre organização temática telejornalística, há uma remissão à composição do estilo de um programa, o que nos remete a modo de endereçamento. Salienta-se, desse modo, que este trabalho é guiado pelo olhar teórico-metodológico de Modo de Endereçamento, com bases nas reflexões de Itania Gomes (2007).

O Modo de endereçamento tem origem na análise filmica e tem tido ressignificações, desde os anos 80 do século XX. Segundo Gomes (2007), essas ressignificações ocorrem para respaldar as análises sobre como os programas televisivos se relacionam com a audiência. Sobre o assunto, Elizabeth Ellsworth (2001, p. 11) assinala que o termo Modo de Endereçamento pode ser definido na questão: “quem este filme pensa que você é?”. Ellsworth (2001) também aponta que modo de endereçamento se constrói com o tempo, através da relação constituída de um filme com o público. No âmbito das reflexões sobre modo de endereçamento, um conceito importante é o de posição de sujeito: “Da mesma forma, existe uma ‘posição’ no interior das relações e dos interesses de poder, no interior das construções de gênero e de raça, no interior do saber, para a qual a história e o prazer visual do filme estão dirigidos.” (ELLSWORTH, 2001, p.15).

Para Gomes (2007), Modo de Endereçamento diz respeito às formas como um programa se relaciona com sua audiência a partir de um estilo constituído. Esse estilo tem respaldo nas formas que se mostram e se efetivam na constituição de um programa e nas formas de delineamento das informações por parte dele.

Para a observação de Modo de Endereçamento de um programa de cunho telejornalístico, Gomes (2007) aponta quatro operadores de análise: 1- o mediador; 2- o contexto comunicativo; 3- o pacto sobre o papel do jornalismo; 4 - organização temática. Neste trabalho, iremos nos deter em analisar como a organização temática da demissão de Sergio Moro norteou a edição do dia do JN.

Sobre a organização temática, destacamos que a forma como um telejornal organiza a apresentação de seus temas com respaldo na sua constituição histórica e ideológica. Um fator importante em relação à organização temática são as apostas que um telejornal faz em relação ao público espectador.

Gomes (2007), ao abordar a organização temática, aponta que ela só pode ser compreendida na observação das diversas editorias que se fazem presentes em um telejornal.

O Jornal Nacional de 24 de abril de 2020 teve mais de uma hora e meia de duração. Já na escalada, ficou visível que o assunto da demissão de Sergio Moro teria destaque na edição e que o JN estava voltado à construção de sentidos negativos em relação ao presidente da República, Jair Bolsonaro. Os apresentadores começam a escalada<sup>7</sup> fazendo um contraponto entre dezembro de 2018 e abril de 2020. Há o destaque para o fato de que em novembro de 2018 o presidente prometeu amplo espaço para Moro em seu governo ao fazer a indicação de seu nome para o Ministério da Justiça; em abril de 2020, contrariando a vontade de Moro, Bolsonaro demitiu o diretor geral da Polícia Federal. A escalada ainda foi composta pelos seguintes textos:

- **Renata Vasconcellos:** Sérgio Moro diz que a saída de Valeixo teria também como razão a preocupação de Bolsonaro com inquéritos que ocorrem no STF.

- **William Bonner:** Moro nega que Valeixo tenha pedido exoneração, como afirma o decreto do presidente, publicado no Diário Oficial.

- **Renata Vasconcellos:** E diz também que não assinou a demissão, ao contrário do que o decreto registra.

- **William Bonner:** O presidente Jair Bolsonaro convoca todos os Ministros para se pronunciar aos brasileiros.

- **Renata Vasconcellos:** Desqualifica a pessoa de Sérgio Moro e diz que ele não tem compromisso com o Brasil, mas apenas com seu próprio ego.

- **William Bonner:** Diz que as denúncias de Moro são infundadas.

- **Renata Vasconcellos:** Nega que tenha dado carta branca ao ex-ministro e que tenha querido saber sobre investigações e inquéritos em andamento.

- **William Bonner:** Mas admite que pedia, sem sucesso, relatórios diários das atividades da PF.

- **Renata Vasconcellos:** Bolsonaro acusou Moro de condicionar o afastamento de Valeixo a uma vaga no supremo.

- **William Bonner:** O presidente diz ainda que a PF tem que ter autonomia.

- **Renata Vasconcellos:** E que não há possibilidade de interferência política.

- **William Bonner:** O Jornal Nacional cobra do ex-ministro Sérgio Moro provas de acusações de que ele fez ao presidente.

- **Renata Vasconcellos:** E de que Moro não barganhou a nomeação para o STF em troca de demitir o diretor da PF.

- **William Bonner:** E o ex-ministro da justiça mostra provas com exclusividade ao JN.

- **Renata Vasconcellos:** O procurador geral da república, Augusto Aras, determina uma análise de possíveis crimes cometidos pelo presidente, segundo as denúncias do ex-ministro da justiça.

- **William Bonner:** A saída de Sérgio Moro provoca críticas enfáticas e a preocupação de autoridades nos três poderes e de organizações da sociedade civil.

<sup>7</sup> Moraes (2015) caracteriza a escalada como as manchetes de um telejornal. “É aquele momento em que os apresentadores aparecem subita-

mente dizendo frases impactantes sobre os principais assuntos do telejornal. A este fenômeno – as ‘manchetes’ de um telejornal – se dá o nome técnico de Escalada.” (MORAES, 2015, n.p.).

- **Renata Vasconcellos:** E o mercado financeiro tem um dia de queda na bolsa e alta recorde no dólar.

- **William Bonner:** No combate à pandemia mundial, o Brasil registra mais 357 mortes.

- **Renata Vasconcellos:** E o número de casos confirmados chega a quase 53 mil.

- **William Bonner:** O Jornal Nacional começa agora.

A partir da escalada, fica evidente que a demissão de Sergio Moro e os pontos ligados ao fato vão nortear a edição do JN do dia; assim, apenas no final da escalada outros assuntos são enunciados. Dessa maneira, a pandemia mundial do coronavírus, assunto preponderante na pauta midiática brasileira desde o início do mês de março, ficou sem destaque em relação aos entornos políticos ligados à saída de Moro do Ministério da Justiça.

Ainda na escalada, houve o destaque para a criação de polêmicas em relação à figura de Bolsonaro, o que podemos relacionar com a posição política que a Rede Globo tem assumido. Como citado sobre o Modo de Endereçamento, a forma de constituição do estilo de um telejornal tem ligação com as bases da emissora em que ele está ligado.

Após a escalada, há uma fala de William Bonner; ele faz um resumo dos conflitos da relação entre Bolsonaro e Moro e afirma que o assunto será trabalhado na edição do JN. Não é comum no Jornal Nacional a exposição de uma fala dos apresentadores fazendo uma espécie de resumo do foco do dia, o que demonstra que estamos diante de uma edição que foge ao estilo hegemônico do telejornal e que terá a abordagem completamente focada no caso da demissão de Moro.

Após a fala de Bonner, Vasconcellos introduz a apresentação de uma parte da coletiva de Moro; assim, outros momentos da coletiva foram sendo mostrados, cortados

por inserções dos apresentadores, que entravam para fazer o anúncio de mais trechos da coletiva que seriam levados ao ar. Vários pontos polêmicos da fala do ex-ministro da justiça foram destacados.

Cabe apontar que um assunto que teve destaque foi a tentativa de reforçar a perspectiva de crise política X pandemia do coronavírus, o que é evidenciado na fala de Renata Vasconcellos: *“Na sequência, Sérgio Moro voltou a dizer que tentou evitar a crise política no meio da pandemia. Disse que tentou contornar a crise no Ministério e proteger a polícia federal oferecendo ao presidente alguns nomes para colocar na direção da PF”*.

Após a apresentação de um resumo da coletiva de Moro, na qual anunciou sua saída do governo, o telejornal apresenta uma matéria mostrando alguns pontos sobre a vida política de Moro e sua estada no governo, com destaque para o fato de que ele foi o ministro mais bem avaliado do primeiro ano do governo de Bolsonaro. Assim, a repórter enfatizou que esse protagonismo causou incômodos no meio político e que houve impasses. Houve destaque, também, para a intenção de interferência de Bolsonaro na PF, o que teria importunado o Ministro.

Na sequência do telejornal, a apresentadora Renata Vasconcellos introduziu uma matéria sobre pronunciamento de Bolsonaro em relação à saída de Moro do governo: *“O presidente Jair Bolsonaro assistiu ao pronunciamento de Sérgio Moro ao lado de milhares do alto escalão do governo. Poucas horas depois, anunciou em uma rede social que falaria às 5h da tarde para, segundo ele, restabelecer a verdade sobre as demissões de Maurício Valeixo e Sérgio Moro. O pronunciamento de Bolsonaro foi no Palácio do Planalto. Todos os ministros foram convocados e estavam do lado dele. O presidente começou falando de improviso e acusou o ex-ministro de só ter compromisso consigo mesmo”*. O destaque ao fato de Bolsonaro ter falado de improviso produz sentidos de que o seu discurso pode ter inconsistências e de que ele pode ter dito

palavras não adequadas. A saliência à acusação de Bolsonaro à Moro de só ter compromissos com ele mesmo demonstra o enfoque polêmico da edição do Jornal Nacional e o foco em fazer críticas na forma de posicionamento do presidente.

Da mesma forma que o telejornal apresentou partes da coletiva de Moro, com cortes de informações dadas pelos apresentadores, no pronunciamento de Bolsonaro, partes desse discurso foram mostradas e intercaladas com breves falas dos apresentadores, dando destaque aos pontos da fala do presidente que seriam mostrados na sequência.

Um ponto marcante da edição foi o momento em que William Bonner apresentou a seguinte cabeça<sup>8</sup> de reportagem: *“Após o pronunciamento em que o presidente Jair Bolsonaro afirmou que as acusações do ex-ministro Sérgio Moro eram infundadas, o Jornal Nacional cobrou do ex-ministro provas de que elas tinham fundamento. Moro mostrou, então, a imagem de uma troca de mensagens entre ele e o presidente, ocorrida ontem”*. Na fala do apresentador fica evidente uma ênfase do telejornal em mostrar pontos negativos do presidente e exaltar Sérgio Moro. Tal fala do apresentador está ancorada na perspectiva institucional da Rede Globo. Como já exemplificamos anteriormente, a Globo e o Jornal Nacional possuem modos polêmicos de apresentar fatos ligados à política no decorrer de sua história.

Para dar mais informações ao público sobre a troca de mensagens entre o presidente e o ex-ministro da Justiça, o JN convoca recursos gráfico para a sua narrativa. Nas ilustrações, há a evidenciação de que Bolsonaro havia falado com Moro sobre a mudança da direção da PF. Houve destaque, também, para o fato de Bolsonaro ter colocado uma manchete de um site jornalístico para Moro e

que, a partir dela, calcado mais a sua posição de troca do diretor da PF.

Outro ponto que foi destacado pelo JN é que o telejornal cobrou de Moro provas de que ele não havia condicionado a troca no comando na PF por uma vaga no STF, o que havia sido falado por Bolsonaro no seu pronunciamento. A apresentadora Renata Vasconcellos aponta que Moro mostrou uma conversa com a deputada Carla Zambelli, aliada de Bolsonaro, na qual ela pede para que ele aceite Alexandre Ramage na chefia da PF, sendo que Ramage era o nome da preferência de Bolsonaro. Durante toda a conversa entre Moro e Zambelli houve demonstrações de ações não adequadas por parte de Bolsonaro, como chefe de uma nação.

Cabe destacar, também, que o Jornal Nacional apresentou uma série de fontes, enunciando-as de forma a enfatizar a gravidade das ações de Bolsonaro. Renata Vasconcellos reforça: *“O pedido de demissão de Sérgio Moro e a acusação feita pelo agora ex-ministro de que o presidente Jair Bolsonaro tentou interferir politicamente na polícia federal provocaram fortes reações de governadores, do congresso, de entidades da sociedade civil e do judiciário. Dois partidos decidiram pedir a abertura de processo de impeachment contra o presidente”*. A reportagem enfatiza que as críticas a Bolsonaro vieram, inclusive, de aliados dele. Recursos gráficos são utilizados para ilustrar as palavras do repórter sobre as críticas recebidas pelo presidente. Depoimentos de fontes falando no mesmo sentido das informações passadas pelos recursos gráficos também tiveram destaque.

Em relação à organização temática, a primeira hora da edição foi toda voltada aos assuntos relacionados à política e ao caso da saída de Moro do governo; apenas quando o

<sup>8</sup> Segundo o Manual de Comunicação da Secom do Senado Federal, cabeça é: “Texto que informa

o telespectador, durante o telejornal, qual reportagem será exibida a seguir. Contém o lead da notícia. (TV)”.

telejornal estava com uma hora e sete minutos de duração, o foco adentrou na COVID-19 — problema social vivido de forma ampla pelo mundo inteiro.

Após a observação da edição do Jornal Nacional de 24 de abril de 2020, dia da demissão de Sergio Moro do governo Bolsonaro, cabe destacar que o assunto delineou completamente o desenvolvimento da edição e que outros temas foram secundarizados em relação ao assunto político do dia. Destacamos que entendemos que a ênfase ao fato está relacionada à importância do assunto em nível nacional, por se tratar de uma pauta ligada às bases do governo federal, mas, também, por ser um tema que foi relacionado aos interesses da emissora em abalar a imagem de Bolsonaro. Gostaríamos de enfatizar que não estamos apoiando o presidente, não é o foco do estudo; estamos apenas analisando a constituição do estilo do Jornal Nacional, com o objetivo de chamar atenção dos seus espectadores.

### Considerações finais

Após a realização deste estudo, destacamos que a política é uma seara dotada de complexidades e a apresentação de fatos políticos no espaço dos meios de comunicação é um assunto que requer amplas reflexões.

Neste estudo, direcionamos o olhar para reflexões sobre a organização temática da edição do JN de 24 de abril de 2020. A partir da análise desta edição do telejornal, foi possível identificarmos que o Jornal Nacional buscou traçar um panorama da ligação de Sergio Moro com o presidente Jair Bolsonaro, desde o período em que o juiz era membro da operação Lava Jato e Bolsonaro ainda era deputado federal. Esse delineamento demonstra que a ideia era apresentar uma parceria que teve a confiança traída por diversas vezes.

Vimos que o principal foco dos jornalistas do JN foi apresentar as acusações do

então Ministro da Justiça ao presidente da República, em relação à quebra de confiança e, principalmente, interferência nas decisões que deveriam ser tomadas pela pasta que Moro conduzia no governo. Ao longo da análise foi possível ver a exibição de pontos negativos envolvendo Bolsonaro e apresentação de ações positivas do Ministério que Moro estava à frente.

A ideia de que Moro colocaria, junto a Bolsonaro, o Brasil nos eixos em relação à segurança pública, pode ser vista como uma explicação para o delineamento da edição do JN. O telejornal estava apresentando a quebra de uma promessa de governo que foi decisiva na eleição do presidente. Com isso, percebemos que emissora e, principalmente, este telejornal analisado se apoiam em um viés e não apenas na conduta de agente público a serviço dos interesses da sociedade.

### REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 13 ed. Brasília: UnB, 2008.

BORELLI, Sílvia H. Simões; PRIOLLI, Gabriel (coord.). **A deusa ferida**: Por que a Rede Globo não é mais campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COUTINHO, Iluska. Programa e público brasileiros: a trajetória do Jornal Nacional nas vozes de seus personagens. *In*: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói; CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA - 200 anos de mídia no Brasil,

6., 2008, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Ende-reçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Ta-deu da. **Nunca fomos humanos: nos ras-tros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Bolsa cai 2% com possibilidade de saída de Moro**. 2020. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mercado/noticia/2020/04/bolsa-cai-2-com-possibilidade-de-saida-de-moro-dolar-renova-maxima-e-bate-em-r-549.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FERNANDES, Carla M.; CHAGAS, Genira C. A dramaticidade na narrativa do impeachment de Dilma Rousseff (PT) no Jornal Nacional. **Revista Cultura Midiática**, v. 9, p.4, 2016.

GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, n. 1, p. 111-130, jan./abr. 2007.

NARCISO, Carla. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2, p. 265-291, 2009.

MARTINS, Pricila dos Santos. **Percepções sobre política: um estudo de caso da juventude e da política dentro da escola**. 2015. Artigo Científico (Licenciatura em Ciências Sociais) - Curso de licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. Dossiê “Mídia e Política”. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, n. 21, p.7-12, jun. 2004.

MORAES, Thiago. Escalada: as manchetes de um telejornal. 2015. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/escalada-as-manchetes-de-um-telejornal/>. Acesso em: 5 set. 2020.

NEGRINI, Michele. **A morte no telejornalismo: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020.

PENTEADO, Claudio Camargo; FORTUNATO, Ivan. Mídia e políticas públicas: possíveis campos exploratórios. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (online), v. 30, p. 132-133, 2015.

PORCELLO, Flávio; RAMOS, Roberto. Âncora na TV: celebração do discurso de poder. *In*: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; Coutinho, Iluska (org.). **O Brasil (é) ditado**. Florianópolis: Insular, 2014.

PORTO, M. P. Novas estratégias políticas na Globo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 20., 1999, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999.

SILVA, Fernanda Maurício. **A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SOUZA, Florentina das Neves. Espetáculo e Escândalo na Cobertura Política do Jornal Nacional. **Libero** (FACASPER), v. 20, p. 139-149, 2007a.

SOUZA, Florentina das Neves. O Papel do JN da Rede Globo nas eleições 2006. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 2., 2007, Belo

---

Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2007b.

SOUZA, Florentina das Neves. A imagem do governo brasileiro pelo Jornal Nacional da rede globo nas eleições presidenciais de 2002 e 2010. **Revista de Estudos da Comunicação** (Impresso), v. 12, p. 173-180, 2011.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL.  
**Índice de Percepção à Corrupção** (Ipc). 2019. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/cpi/2019/results/table>. Acesso em: 20 ago. 2020.